

Militares portugueses formam primeira Unidade operacional

Sz. Jb.

4-5-94

* Novos Comandos juraram bandeira em Nacala

Vinte anos passados sobre o fim da guerra colonial, Moçambique tem de novo uma unidade de comandos, a primeira inteiramente operacional do novo Exército único e apartidário.

O primeiro dos três batalhões de forças especiais, formados pela assessoria portuguesa, prestou a semana passada juramento em Nacala (Província de Nampula), embora ainda não se saiba qual vai ser o seu destino imediato.

O representante da ONU em Moçambique, Aldo Ajello, disse em Nacala que as partes estão a discutir com a Onumoz «para ver como

utilizar de forma operacional» a nova unidade.

Segundo ele, este primeiro batalhão do novo Exército poderá vir a «substituir ou apoiar» as forças das Nações Unidas em Moçambique, cuja redução foi compensada há alguns meses pelo Conselho de Segurança.

Ajello garantiu que estão a ser preparados quartéis para alojar as forças que forem sendo formadas. «Não se perdem», sublinhou o chefe da Onumoz.

O tenente-general Tobias Dai, representante do Governo na Comissão Conjunta para a Formação das

Forças Armadas de Defesa de Moçambique, disse que o Comando Superior do novo Exército «vai determinar brevemente» o total e as missões desta primeiras unidade.

O major-general Hermínio Morais, representante da Renamo na CCFADM, indicou que «fez-se já o reconhecimento de vários quartéis para avaliar a capacidade de poder albergar o batalhão».

Só a rápida saída dos efectivos do batalhão do Centro de Instrução de Nacala permitirá que no próximo dia 16 do corrente comece o treino do segundo batalhão de forças especiais, cujos instruídos já estão a ser seleccionados pela assessoria militar portuguesa nas áreas de acantonamento.

No entanto, uma fonte da Onumoz indicou que as Nações Unidas estão interessadas em que o processo de treino seja acelerado, dando-se instrução simultaneamente ao segundo e ao terceiro batalhões.

O novo Exército tem que estar pronto até Setembro próximo, um mês antes das eleições marcadas para 27-28 de Outubro.

O primeiro batalhão que prestou já juramento é constituído por 31 oficiais, 62 sargentos e 252 praças, que concluíram a instrução de 10 semanas ministrada por uma equipa de militares comandos portugueses, dirigidos pelo coronel Glória Alves.

Mais nove oficiais e três sargentos que já tinham feito o Curso de Comandos em Portugal quando membros das forças governamentais fazem parte da nova unidade.

A formação permitiu também formar um corpo de instrutores moçambicanos que vão participar na for-

mação dos próximos batalhões.

Segundo Tobias Dai, «o fim da instrução do primeiro batalhão de forças especiais testemunha que o processo de formação das Forças Armadas de Moçambique é irreversível».

Dai manifestou-se também satisfeito com o facto de não ser mais possível distinguir na nova unidade quais os que são oriundos das tropas do Governo e quais os das forças da Renamo.

Nem todos os que iniciaram a instrução a 28 de Fevereiro chegaram ao fim: 10 oficiais, 26 sargentos e 80 soldados foram afastados no decurso dos treinos, descritos como particularmente exigentes em termos físicos e psicológicos.

Na sua intervenção, o coronel Glória Alves sublinhou a necessidade de «um batalhão deste tipo receber armamento adequado», bem como meios de transmissão e apoio logístico.

«Moçambique tem necessidade de Forças Armadas de qualidade, mais do que em quantidade», afirmou o director de instrução portuguesa.

Os militares das FADM, que fizeram uma pequena demonstração das suas capacidades com simulado e exercícios de combate, receberam na cerimónia o crachá e a boina vermelha que os identifica como uma unidade de elite das Forças Armadas de Defesa de Moçambique.

Uma cerimónia que não se via há 20 anos em Moçambique, mas de que ainda há sobreviventes, como o actual governador da Província de Nampula, Alfredo Gamito, também presente em Nacala, que em 1970 integrou o primeiro batalhão de comandos formado em Moçambique em Montepuez.